

S. PAULO, FEVEREIRO DE 1925

Poemas Líricos

Gustavo Teixeira

Ó Nossa Poetas N.º 2
Merryano dirigido por Nuto Sant'Anna

... VERSOS QUE SÃO A IRRADIACÃO DA ALMA DE UM POETA SOLITÁRIO E GENIAL, QUE PREFERE AO RUMOR DAS URSAS VAS E ABSORVENTES, TÃO CHEIAS DE EGOÍSMO E DE LAMA, O ESPLendor NATIVO DOS CAMPOS, ONDE O CORAÇÃO DOS HOMENS, MAIS EM CONTACTO COM A NATUREZA, NASCE E VIVE PARA SER BOM... - NUTO SANT'ANNA.

COM PEE E ORGULHO A TERRA
EM QUE NASCESTE - PIMA
OLAVO BLAC -

REÇO AVULSO
\$ 000

GUSTAVO TEIXEIRA

Poemas Líricos

1925

II

ASSIGNATURAS

Por um semestre, de Janeiro a
Junho, seis volumes . . . 15\$000
Número avulso . . . 4\$000

As assignaturas, nesta Capital,
comam-se na Livraria Teixeira, á
Ladeira de S. João n. ; no interior,
com os nossos Agentes.

Publicação mensal de poetas
brasileiros.

Cada volume conterá trabalhos
de um unico autor.

A capa deste numero é de S. Meirelles

Ler é instruir-se; ler a sua
gente não só é instruirse: é tambem
ser patriota.

POESIA

90

SUDISS 26

OS MESSOS POETAS
MENSARIO DIRIGIDO POR NUTO SANT'ANNA

PUBLICADOS

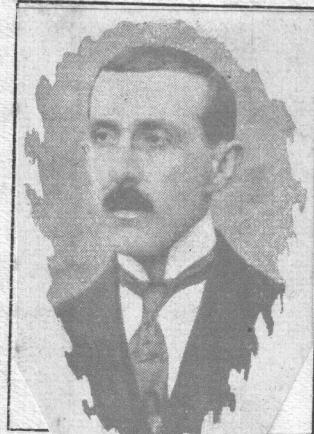
N. I — MORTE, MORTE DE AMOR, Nuto Sant'Anna
N. II — POEMAS LYRICOS Gustavo Teixeira

PARA MARÇO, O GRANDE POETA
ALFREDO DE ASSIS
EM CHAMMA EXTINCTA

GUSTAVO TEIXEIRA

(GUSTAVO DE PAULA TEIXEIRA)
NATURAL DE S. PEDRO, MUNICIPIO DE PIRACICABA,
ESTADO DE S. PAULO

Gustavo de Paula Teixeira, filho de Francisco de Paula e Silva, lavrador, e Miquelina Teixeira de Escobar, nasceu em S. Pedro, a 4 de Março de 1881. Fez todos os seus estudos com seu irmão Francisco Teixeira, não tendo frequentado collegio nem escola publica. Residiu alguns annos em S. Paulo, onde estudou e trabalhou na «Folha Nova», jornal



vespertino de Garcia Redondo, em 1905. Desde 1906 reside em São Pedro, ahi exercendo o cargo de Secretario da Camara e da Prefeitura, cidade donde não tem querido sahir apesar de offerecimentos de bons logares na imprensa do Rio. Publicou, em 1908, o Ementario, livro de versos prefaciado por Vicente de Carvalho, elogiado pelos maiores criticos do tempo, entre elles Sylvio Romero, Osorio Duque Estrada e por escriptores como Luiz Guimaraes Filho, Conde de Affonso Celso, Goulart de Andrade, Rocha Pombo, João Ribeiro, Mello Moraes Filho, Alfonsus de Guimaraens, Emiliano Pernetta, Dr. Göran Björkman (de Stockolmo), Julia Lopes de Almeida, Orlando Marçal, João do Rio, Rufiro Tavares e muitos outros e pela imprensa em geral. O numero de Setembro, da A PANOPlia, revista paulistana de Cassiano Ricardo, publicada em 1917, insere dados biographicos de Gustavo Teixeira, num estudo (incompleto) de Aristêo Seixas sobre o Ementario.

OBRAS DO MESMO AUTOR

Ementario, versos, 1908 (Exgot.)

A PUBLICAR

Poemas Lyricos — segunda serie

O Sonho de Marina — poemeto

A canção da primavera — poemeto

Ultimo Evangelho — poema

Canções Modernas —

Poetas Paulistas — anthology

Alguns juizos sobre o Ementario, livro de estreia de Gustavo Teixeira, apparecido em 1908, com prefacio de Vicente de Carvalho :

“... Comecei, como era de regra, pelo prefacio de Vicente de Carvalho, prefacio que se me antolhou um bello portico a um edificio ainda mais bello.

Vejo que o Brasil de agora não desmente sua velha caracteristica de patria dos bons poetas lyricos.

Quasi ao mesmo tempo recebi as «Selvas e Céos» de Pereira Barreto, as «Apotheoses» de Hermes Fontes e o seu bello livro Ementario. Em uma simples carta não posso estabelecer paralelos e fazer critica; apenas direi que os tres poetas são tres aguias distanciadas no vôo pelo tempo da partida — Silvio Romero — Da Academia Brasileira.»

“... não foram poucas as bellezas, nem raras as preciosidades que essa leitura me deparou.

Gustavo Teixeira é autor de algumas estrophes que poderiam ser assignadas pelo mais aclamado dos poetas de nossa terra.

Cultiva pouco o soneto, ou, pelo menos, com mais sobriedade que os outros vates de sua geração. É um novo titulo que o deve recommendar á estima publica, principalmente porque os sonetos só lhe saem da pena com o apuro e o remate que se devem sempre exigir em tais produções.

... Muitas outras produções poderiam ser citadas, com grande lustre para o autor. Limite-me a deixar aqui os meus mais entusiasticos aplausos ao joven artista do verso, affirmando que o Estado de São Paulo possue agora o seu segundo poeta na pessoa de Gustavo Teixeira. — Osorio Duque Estrada — Da Academia Brasileira.»

“... Eis dois volumes, recommendaveis ambos por excepcionaes quilates, attestadores de dois finos,

dois exímios engenhos artísticos: Ementario, de Gustavo Teixeira; «Vaidades», de Baptista Cepellos.

Acóde logo á memoria o velho hemístichio virgiliano: «*Ambo florentes atatibus, Arcades ambo.*»

Resta, porém, sobrejo marmore, que, á lyra amphiónica de Gustavo Teixeira e Baptista Cepellos, se converterá em soberbas estatuas, dessas que, como a dos deuses pagãos, bastavam a dignificar todo um povo. — Conde de Affonso Celso — Da Academia Brasileira.»

«... Li o seu livro com o prazer que me inspiram os verdadeiros artistas e nelle encontrei muitas e muitas páginas de verdadeira beleza.

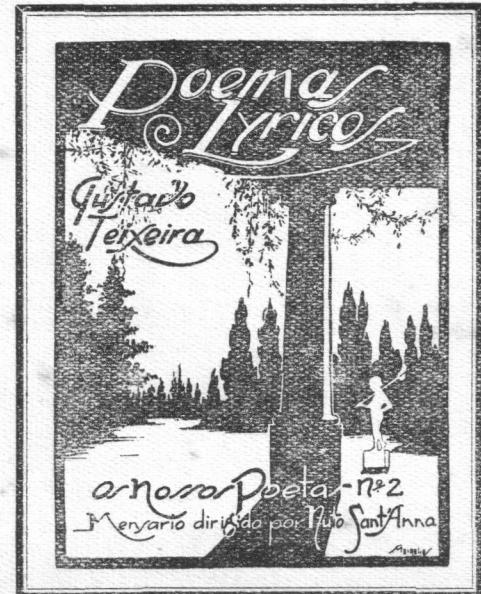
O dedo denuncia o gigante: estou certo de que em breve tempo o meu caro colega será um dos grandes poetas do nosso grande paiz. — Luiz Guimarães Filho — Da Academia Brasileira.»

«... Contento-me com a felicidade de poder exclarar como Ulysses, na «Perfeição» do Eça: «Na verdade este ouro é bom!»

E é com efeito do mais precioso filão todo este veleiro de poesia. O seu verso, sobretudo o alexandrino, ora tem a amplitude de um pallio desdobrado, ora a flexibilidade de um víme finíssimo, e sempre vestindo uma idéa de rara prosapia, numa prodigiosa riqueza de rythmos, em curvas e balanços, versos que parecem feitos de uma substancia elástica, sem falar na variedade das tonicas feridas em vogues diferentes, á feição de escalas chromáticas... — J. M. Goulart de Andrade — Da Academia Brasileira.»

«Muito grato ao talentoso autor do formoso Ementario, sauda-o effusivamente pelos seus triumpbos — Campos Salles.»

«... Em summa, é ao grande poeta que nos apparece a homenagem desta singela expansão que não pude reprimir. — Rocha Pombo.»



A' MEMORIA DE MEUS PAES

AUREOLAS

CANTO REAL DA GLORIA

Sob o regio docel do helleno firmamento,
Donde os Titans reveis foram precipitados,
Homero, a lyra á mão, celebra o valimento
Dos argivos heróes por Pallas aureolados :

— Canta os feitos de Ajax e Ulysses, a bravura
De Achilles, o esplendor marcial e a formosura
Da deusa bellatriz de graça peregrina
Que brande contra Ilion o gladio que fulmina...
Com dois versos conduz o plaustro da victoria !
E côres, luz e sons o semideus combina
Para alcançar o beijo olympico da Gloria!

Paganini dedilha o quérulo instrumento...
 Uma nota suspira e evola-se... Abafados,
 Vão subindo primeiro os sons num choro lento,
 Como um flebil planger de corações maguados !
 Dir-se-ia que o violino uma oração murmura
 Para depois clamar ! A humana desventura
 Acorda, soluçando em tremula surdina,
 E logo sangra numa angustia repentina,
 Que esmaece e desmaia em queixa merencoria...
 É uma alma que se entrega á febre que a domina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria !

Sanzio, mudo, a scismar, num embevecimento,
 Deixa o espirito alar-se a mundos encantados :
 E no radiante céo do seu deslumbramento
 Brilham sideralmente uns olhos adorados !
 E, no enlevo feliz, traça, com mão segura,
 Tenues linhas de luz, e em breve, na brancura
 Da tela, resplandece, assim como a imagina,
 Num halo de turqueza, a loira Fornarina
 Que lhe enche de perfume a vida transitoria,
 E em cujo seio busca inspiração divina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria !

Phidias contempla o alvor do Paros um momento,
 E rasga-o : — e logo vão surgindo, arredondados,
 Contornos feminis de um claro polimento,
 Da venusta feição dos marmores sagrados.
 Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:
 — Um par de seios mostra a rara cinzelura,
 Das curvas de Aphrodite o encanto predomina,
 E às pernas do brancor ondeante da neblina
 Sustêm do torso grego a perfeição marmorea
 Com que o genio immortal as gerações fascina,
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria !

Ardem os camafeus num vivo irisamento.
 Pelas patenas d'ouro e hostiarios rendilhados
 Fulge a saphira azul, chispa o rubim sangrento,
 Entre o glauco esplendor dos prasios abrasados...
 Cellini, com ardor, faceta opalas, fura
 Caros metaes, e crava o sol em miniatura
 De um beryllo oriental numa custodia fina.
 De um carvão desengasta a estrella matutina...
 Assim, com genimas abre um sulco astral na historia,
 Manejando o buril de ponta adamantina
 Para alcançar o beijo olympico da Gloria !

Á SOMBRA DOS MONTES

14

OFFERTORIO

Egregia Athene! Tu, que á terra pequenina
Lanças do Olympo o olhar, que é bençam opalina,
Protege os que, durante a humana trajectoria,
Haurem o fel que o mundo ao Sonhador propina,
Para alcançar o beijo olympico da Gloria !

No exilio deste valle, onde me entumbo
Sob o velario das neblinas frias,
Meu coração é o pendulo de chumbo
Que marca as horas destes longos dias.

Morro de tédio, de pesar succumbo !
O vento, que enche as solidões sombrias,
Vae propagando o funebre retumbo
Pelas furnas e alpestres serranias.

Sol ! Tu que tinges de carmim as rosas
E para a gloria da alvorada existes,
Rasga nas brumas amplidões radiosas !

Quero escalar os pincaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes !

Quando Vesper irradia,
Num lento rumor de prece,
Tange o sino: — Ave Maria !

No azul, a astral ardentia
De subito resplandece
Quando Vesper irradia.

Por detraz da serrania,
Rezando, a lua apparece...
Tange o sino: — Ave Maria !

Ao sopro da aragem fria,
Ondula, oirejando, a messe,
Quando Vesper irradia.

Cada estrella um beijo envia.
Depois que o ninho adormece,
Tange o sino: — Ave Maria !

Dentro da sombra macia,
Sonhando, a flor estremece
Quando Vesper irradia.

Num tom de voz que inebria,
Que de tão doce enternece,
Tange o sino: — Ave Maria !

Numa suave nostalgia,
A alma feliz se embevece
Quando Vesper irradia.

Um véo de melancolia,
Tecido por anjos, desce...
Tange o sino: — Ave Maria !

Cheiram flores na agonia...
 A tarde é morta. Anoitece...
 Quando Vesper irradia
 Tange o sino: — Ave Maria!

BORBOLETA PRESA

Em frente á escola paro, ás vezes, por acaso,
 E, lançando um curioso olhar pela janella,
 Descubro (pobre flor a fenecer num vaso !)
 Um busto de menina excelsamente bella.

Na mão o livro aberto, a fronte baixa, estuda
 Exhalando um discreto aroma de violeta.
 E o dia que não passa ! E o quadro que não muda !
 Que sombria prisão para uma borboleta !

Como aborrece a escola ! É sempre a mesma cousa :
 Sempre o mesmo rumor de vozes em surdina,
 Na mesma estreita sala a mesma negra lousa
 E o horror da preleção que nunca mais termina !

E que festa ha por fóra ! Um pintasilgo canta
 E é tal a melodia estranha do seu hymno
 Que toda de crystal parece a aurea garganta
 Que de gottas de luz faz notas de violino !

E a prisioneira sonha... Inveja a livre pomba
 Que, abrindo como um leque as asas rendilhadas,
 Se perde na amplitude e das distancias zomba,
 Na crystallinidade azul das alvoradas.

Distrae-se a ver o sol que a pino resplandece
 E accende nos vitraes gemmiferas miragens,
 E defronte o jardim vidente, que floresce,
 Numa palpitação continua de folhagens.

Não cessa de adejar sua alma de andorinha.
 E ella presa ! Que tédio horrivel desde as onze !
 É tão breve o recreio e o tempo não caminha !
 Parece que Saturno anda com pés de bronze !...

Depois pega na agulha e borda mais de uma hora :
 Das suas alvas mãos brotam vermelhas flores.
 Nunca nas nuvens d'oiro a rosea mão da aurora
 Com seus fios de luz bordou eguaes primores !

E que alegria quando a injusta pena é finda !
 Das creanças em meio ás chusmas pressurosas
 Sae de branco, irradiando, a sua imagem linda
 Como um lirio de jaspe entre um florir de rosas !

A H O R A A Z U L

Todos os dias, mal desponta a aurora,
Porque ella disse que ha de vir, desperto
E olho o caminho que num rumo incerto
Vae serpenteando pelo valle a fóra.

E espero. Ella ha de vir. O dia ao certo
Não sei: mas sei que, alegre como outr'ora,
Neste recanto, que Setembro enflora,
Hei de em seus braços ter o céo aberto!

Em honra da mais pura das violetas,
A primavera abre as mais lindas rosas
E pinta d'ouro e azul as borboletas.

Aves darão concertos crystallinos:
Tocarão sabiás flautas maviosas
E pintasilgos tocarão violinos...

BALLADA DAS ROSAS

Quando se esgarça o véo das ultimas neblinas
— Gaze que o inverno tece em mysterioso tear, —
E o ledo gaturamo entôa cavatinas
E os pombos nos beiraes arrulham a noivar ;
Assim que a estrella d'Alva abre o radiante olhar
E entre nuvens assoma a aurora ao varandim,
— A cigarra, que é a nota errante de um clarim,
Vibrando com alarde as asas harmoniosas,
Chia aqui, chia alli, até que um dia, emfim,
Annuncia a triumphal resurreição das rosas !

Narcisos e cecens, papoulas e boninas,
Finda a estação glacial, começam a mesclar
De branco e rosicler o glauco das campinas
Que rolam docemente ondas de um verde mar ;

Flora sorrindo põe o flórido collar;
 Borboletas azues com manchas de nankim,
 Ou desmaiados tons de perola e rubim,
 Irrompem não sei donde em chusmas pressuropas
 Quando, de surto em surto, o debil volantim,
 Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

As torrentes que vão em curvas serpentinas
 Rumorejando, valle a fóra, a recitar
 As balladas de amor que boccas nacarinas
 Cantam ao pé da fonte á luz crespuscular;
 A nuvem, que se irisa aladamente a voar
 De purpura tingindo a cauda de setim;
 A aragem, que dedilha eolio bandolim
 Fazendo farfalhar as arvores frondosas,
 Tudo, dando expansão a um jubilo sem fim,
 Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

OFFERTORIO

Quando eu te beijo, ó linda, a bocca de carmim,
 Que encerra o mel de um cravo e o aroma de um jasmim,
 O amor te ruboriza as faces velludosas...
 Assim, o beijo meu, pousando num jardim,
 Annuncia a triumphal resurreição das rosas!

Loiro Lirio celeste, que amo tanto,
 Vê: não tenho repouso um só momento!
 No silencio da noite arde o meu pranto
 Como as estrellas pelo firmamento.

Ouve a aragem nocturna o meu lamento
 Que rebôa atravez deste recanto...
 E não vens abrandar o meu tormento,
 Loiro Lirio celeste, que amo tanto!

Para adorar-te a imagem de almo encanto,
 Por alta noite, exposto ao frio e ao vento,
 Me ajoelho ao pé de um lirio, como um santo...
 Vê: não tenho repouso um só momento!

Dou a este amor cõmbate mais violento
 Do que os de Salamina e de Lepanto :
 Em vân ! o amor me vence, e, em fios, lento,
 No silencio da noite arde o meu pranto !

Do ethereo riso que me poz quebranto
 Não cicatriza nunca o ferimento.
 As rimas lacrimejam no meu canto
 Como as estrellas pelo firmamento !

E não ha de findar o soffrimento
 Que o olhar me cobre de uma névoa, enquanto
 Não me envolveres, como em pallio bento,
 Do teu cabello no macio manto,
 Loiro Lirio celeste !

Mal eu te vi o grego aspetto
 E a graça regia, Eros fallaz
 Cravou sorrindo no meu peito
 Todas as settas do carcaz.
 Perdi a calma e o sonno, mas
 Bemdigó o amor que esta ansia gera,
 Pois elle é o sol que luz me traz
 Ao fim da minha primavera.

Por ti, que eu amo com respeito,
 Meu coração — pombo torcáz, —
 Alvorocado e satisfeito,
 Todo em arrulhos se desfaz.

Esta paixão, funda e roaz,
 Embora abrase, é uma cratera
 Que deita flores, pertinaz,
 Ao fim da minha primavera.

Si da tua alma eu sou o eleito,
 Leva-me logo ao céo ! Na paz
 De um ninho ideal de plumas feito,
 Plumas e rendas, sonharás
 No seio meu... Ó flor vivaz!
 Deus te abençõe os braços de hera
 Que hão de prender-me em nó tenaz
 Ao fim da minha primavera !

OFFERTA

Lirio de amor ! Teu beijo faz,
 Na alma que em extase te espera,
 Florir um ramo de lilaz
 Ao fim da minha primavera...

(Lenda)

Não logrando acalmar o odio dos insensatos
 Que uivavam em redor do candido Cordeiro,
 Ordenou ao Lictor, então Poncio Pilatos,
 Que o mandasse açoitar, despido o corpo inteiro.

E atado a uma columna o Mestre, entre os maus tratos
 E as vociferações do bando carniceiro,
 Sem que batesse um só dos corações ingratos,
 Fez-se a flagellação com ramos de salgueiro...

Desde então ficou sendo essa arvore a mais triste
 E a mais digna de dó que neste mundo existe,
 Curvada como Christo a arfar com o Lenho ás costas.

Sempre e sempre a chorar o seu viver mesquinho,
 Nunca mais o infeliz poude embalar um ninho
 Nem contemplar o céo, rezando, de mãos postas !

Tão feia ! Vive quasi sempre triste,
Mal disfarçando a angustia que a alanceia,
Porque, em verdade, a dor maior que existe
Para a mulher que é moça — é a de ser feia !

Ser feia é a morte ! É inferno que resume
Tudo o que neste mundo mais crucia :
A sede, a fome, o desespero, o ciume,
A ansia de Hero, de Agar e de Maria !

Entre os espinhos desta vida, todos
Sentem ás vezes um florir de rosas :
Não ella — a pobre victimá de apodos,
Que se oculta nas sombras silenciosas.

Si acaso vê nalgum espelho o rosto
Onde não brilha o mais fugaz encanto,
Empallidece de intimo desgosto
E os seus olhos inundam-se de pranto !

Nunca ao braço de um noivo, prazenteira,
Ha de passar a «misera e mesquinha»
Coroada de botões de laranjeira,
Arrastando uma cauda de rainha !

E é tão radiante o dia do noivado !
Pensa no amor como num céo distante
Em que, dentro de um sonho arcoirisado,
Nunca ha de entrar sua alma soluçante !

Jamais se lhe abrirão as portas d'ouro
Do Paraíso — aspiração infinda
Dos que na terra buscam o thesouro
Do qual o beijo é a perola mais linda !

Mas si algum joven pousa os olhos nella,
Sente-se envolta numa claridade
E a sua face em purpuras revela
A inenarrável sensação que a invade !

Rindo, transfigurada de ternura,
 Sonha, esquecendo a condição de lesma!
 Sonha... mas quando acorda — que amargura! —
 Pranteia de vergonha de si mesma!

Sorte cruel! Não pode ser amada!
 E é uma cousa que punge e dilacera
 Fazer a humana e lugubre jornada
 Sem ter um dia azul de primavera!

Dóe-lhe ver a alegria dos felizes,
 Dos que, a sonhar, no turbilhão do mundo,
 Vão com sorrisos de auroraes matizes
 Arrebatados num amor profundo!

À noite chora inconsolavelmente
 Na pequenina camara que habita,
 E vê todo o porvir, como o presente,
 Atravez de uma lagrima infinita!

Com tudo, a sorte injusta, por esmola,
 Vestiu aquella tragica pobreza
 De um encanto que ás vezes a consola:
 O torrencial cabello de princeza!

Hontem a vi. Errava numa aléa
 De rosas brancas: e o seu vulto loiro,
 Sob o cabello solto, dava idéa
 De uma mendiga envolta em manto d'ouro...

BALLADA DA AGONIA

(Jesus, sangrando pelas chagas vivas, clama dolorosamente :)

«Para salvar a humanidade impura
Da voragem de tenebras feraes,
Subi a longa Rua da Amargura
Num circulo de monstros infernaes,
Vertendo o suor das afflicções mortaes...
Vae parando em meu peito o coração
Que muita vez sangrou de compaixão
Da propria flor que fenezia na haste !
Ardo de sede ! Abrasa-me um vulcão !
Senhor ! Senhor ! por que me abandonaste ?

Não tem mais fim a barbara tortura !
Abafo a custo dentro da alma os ais
Da angustia que me abala e transfigura !
Meu corpo, cheio de ulceras fataes,
É um jardim de violetas funeraes,
Orvalhadas de sangue... E choro em vão
Vendo uma rosa aberta em cada mão...
Depois do triumpho, a morte... Que contraste !...
Que é desses que eu guiei na escuridão ?
Senhor ! Senhor ! por que me abandonaste ?

Ó minha Mãe ! ó Santa Creature,
Que neste mundo não verei jamais,
Enxuga o pranto dessa face pura,
Porque a dor dos teus olhos celestiaes
Vem fazer que estas chagas doam mais !...
Meu Deus ! meu Deus ! que atroz flagellação !
A corôa de espinhos, a irrisão
De um sceptro não bastaram ! E deixaste
Pregarem-me na cruz da execração...
Senhor ! Senhor ! por que me abandonaste ?»

OFFERTORIO

*(Jesus, quasi a expirar, volve os
olhos para o céo:)*

Abre-se o azul da Mystica Mansão...
Descem anjos... É a Gloria!... Ó Pae, perdão
Si eu, exgottando o Calix que me enviaste,
Ousei clamar, numa hora de afflícção:
«Senhor! Senhor! por que me abandonaste?»

Á noite, na alcova escura,
Tua imagem me apparece:
Minh'alma, que não te esquece,
Dentro de um sonho, fulgura!

Vens, nas horas de saudade,
Consolar-me, si estou triste,
Com a voz mais doce que existe,
Toda meiguice e bondade.

Surges com o halo do Empyreo,
Envolta no véo de neve
Que ondula, subtil e leve,
Como o perfume de um lirio...

Alada e loira, sorrindo,
Pões a mão sobre o meu hombro :
Si eu te olho com mudo assombro
O olhar me volves mais lindo !

Como uma flor que se inclina,
Sentas-te ás bordas do leito
E pousas sobre o meu peito
O alvor da fronte divina !

Recobro aos poucos a calma :
E o meu olhar longamente
Se embebe no teu, que, ardente,
Enche de estrellas minh'alma.

Eu tenho a visão radiante
De uma noite de noivado !
Do teu cabello ondulado
Sobe um perfume ebriante !

Uma phrase de carinho
Com que me encantas e enlevas,
Abre clareiras nas trevas
Do circulo em que caminho.

Quando me fallas, parece
Que um anjo, piedoso e loiro,
Embala, num berço d'ouro,
Meu coração, que adormece...

Vieste do céo com certeza !
Baixaste do azul profundo
Para mostrar neste mundo
Uma celeste belleza !

Por isso, á luz do teu riso,
Fico sorrindo e sonhando
Que és um dos anjos do bando
Que vôa no Paraiso...

C É O D E S E R T O

Percorro toda a habitação vasia:
A sala azul, os amplos corredores
Onde, nuns labios cheios de ambrosia,
Do amor colhi as mais preciosas flores !

A imagem della — sombra fugidia
Que julgo ouvir, fallando-me de amores, —
Atirando-me um beijo que inebria,
Se desvanece em espiraes de olores...

Levaram tudo : os quadros, os espelhos
E a cinzelada lampada custosa
Que junto della já me viu de joelhos.

Só eu fiquei neste ermo céo fechado
Soffrendo o horror da Plaga Tenebrosa,
Onde já fôra bemaventurado !

BALLADA DAS FOLHAS MORTAS

Outomno... As arvores maguadas,
Dentro da tarde que esmaece,
Murmuram mysticas balladas
Numa tristesia que enternece :
Soffrem porque ave alguma tece
O ninho em suas ramas tortas...
E a sua magua avulta, cresce,
Vendo cahir as folhas mortas!

— Noivas de flores corôadas
Em hora azul que não se esquece,
São hoje monjas desoladas
Que a luz lilaz já não aquece.

A folha cãe, sobe uma prece...
 (Por que, minh'alma, te transportas,
 Chorando, ao céo que empallidece,
 Vendo cahir as folhas mortas?)

Asas palpitan em revoadas...
 Um sino plange, plange... Desce
 Por estas horas ennevoadas
 Uma saudade que entristece!
 E o coração, que a loira messe
 De ideaes perdeu do Eden ás portas,
 Ter dó das arvores parece
 Vendo cahir as folhas mortas...

OFFERTA

Alma, que em mundo atro e refece
 Desillusões crueis supportas,
 Olha como a arvore padece
 Vendo cahir as folhas mortas!

Entre oblongos calhaus, torcicollando,
 Flue a nivea torrente serpentina,
 Ora beijando os pés de uma collina,
 Ora a mole dos montes contornando.

Aqui, sobre ella uma arvore se inclina,
 O cabello de folhas ensopando,
 Além, das borboletas o aureo bando
 Brinca esfrolando o azul da tremulina.

Dá de beber a passaros e flores.
 E docemente, em lyrics rumores,
 Some-se no horizonte que se esfuma.

Assim, cortando gandaras e searas,
 Foge, levando á flor das aguas claras
 Um diadema de perolas de espuma...

A V I O L E T A

Sob o espesso docel de folhas de esmeralda,
Do sonho do botão acorda, abre a corolla,
E uma lagrima ardente as palpebras lhe escalda
Vendo a triste penumbra em que o destino a isolâ.

O sol, que um raio d'ouro e purpura desfralda,
Tenue raio lhe envia, ás vezes, por esmola ;
Si sae da sombra é presa em funebre grinalda
Onde a ultima illusão no aroma se lhe evola.

Fugaz como o corisco, o beija-flor de leve
Roça o tufo sem ver a lyrical violeta,
Que guarda a candidez de um flócculo de neve.

As rosas com seu regio orgulho a martyrizam...
Por isso é roxa como o seio de Julieta,
Como as chagas de amor que nunca cicatrizam!

A H O R A S M O R T A S

A uma grega

Dentro da noite, a sombra de Alighieri
Passa rezando... Choram as neblinas.
Funebre plange como um miserere
O sussurro das velhas casuarinas.

Só no meu leito, ouvindo a voz do inverno,
Que guaia sob a abobada de chumbo,
Rólo nos sete círculos do inferno
Desta infrene paixão de que succumbo !

Que desespero insano me tortura !
Que pungente saudade me crucia !
Sem teus olhares — como a noite é escura !
Sem teus abraços — como a noite é fria !

BALLADA COR DE ROSA

46

Que sorte hedionda, que fadario infando
Me afasta dos teus braços, do teu seio?
No céo, um dia, adormeci sonhando,
Para acordar na treva em que pranteio!

A todo instante, pallido, suspiro
Por essas gregas formas de alabastro,
Pelo tempo em que este algido retiro
Se encibia todo do fulgor de um astro!

Não sonha mais com os échos dos teus passos
Esta alma que deixaste quasi louca...
E tantas vezes te apertei nos braços!
E tantas vezes te beijei na boca!

Foi-se o bando das minhas esperanças.
Não conto mais, num beijo, como outr'ora,
Soltando os fios d'ouro dessas tranças,
Envolver-te na tunica da aurora!

E emquando a noite, gelida, caminha,
Teu nome invoco em lagrimas desfeito,
E, ao pensar que não mais tu serás minha,
Com as proprias unhas dilacero o peito!

Desde que vieste, foragida
Estatua da Hellade pagã,
Quebrei a lyra enterneceda
Em que gemia como Ossian.
Minha esperança não foi van!
A illuminar meu Paraiso,
Esplende a estrælla da manhã,
A doce luz do teu sorriso!

Si a tua fronte enlanguescida
Beijo num gesto de galan,
O olhar me volves, commovida,
Do rosto — em purpura a maçã.

A TORTURA DA ESPERA

E em tua bocca de romã,
Onde alvas perolas diviso,
Fúlge outra gemma em brilho irmã :
A doce luz do teu sorriso.

Tu és o sol da minha vida !
O teu amor de castellã
De um antro faz jardins de Armida
E dá-me a força de um Titan...
Eis-me, afinal, na Chanaan
Dos sonhos d'ouro, onde improviso
Loas a Deus e odes a Pan,
Á doce luz do teu sorriso !

OFFERTA

Será de espinhos amanhã
O chão de flores que hoje piso,
Si me faltar, Aldebaran,
A doce luz do teu sorriso !

Quasi noite e não vem Que tarde longa e triste !
Desde que a aurora abriu o roseo cortinado
Espero ao longe ver surgir teu vulto amado,
De azul como no dia infausto em que partiste.

Desce a noite. E não vens ! De duvida alanceado,
Estremeço ao pensar que, certo, me illudiste !
E dentro do meu peito, onde um altar existe,
Plange um sino feral em dobras a finado...

Crescente inquietação me agita e me tortura !
Em vez de um beijo, em vez da edenica ventura,
Esta febre, esta angustia, este queimor de brasas !

E enquanto a voz do inverno ulula á minha porta,
No silencio desta alma, onde a esperança é morta,
O corvo do presagio abre as sinistras asas !

A H O R A D A M O R T E

51

Num pesadelo

Em breve eu parto para outros mundos !
Que desconforto ! Que desconforto !
D'aqui a instantes (talvez segundos !)
Estarei morto !

Meus olhos choram fios de sangue,
Cavos gemidos truncam-me a voz...
Abutres bicam meu corpo exangue
Com furia atroz !

Sussurram vozes... Escuto passos
Lentos... É a morte que me procura
Para levar-me nos hirtos braços
Á sepultura !

Macabramente batem martelos...
Amplos sudarios tremulam no ar...
Surgem sinistros polichinellos
A gargalhar !

Certo ao inferno sou condenado
(Ai de minh'alma !) por ter, não poucas
Vezes, de beijos ensanguentado
Cheiroosas boccas !

No quintalejo chorões farfallham,
Descabellados, beijando o pó ;
Alamos fremem, cedros ramalham...
Agouros só !

Daquella que a alma sem fé me engoiva
Lembro-me e o pranto meu rosto orvalha !
Ah! quem me dera seu véo de noiva
Para mortalha !

Nenhum amigo (tantos eu tinha !)
Me vale neste lance cruel !
Hei de sosinho sorver a minha
Taça de fel !

Visões me assaltam... Extranha gente
 Ri dos meus gestos desesperados...
 Ao longe, um sino, plangentemente,
 Dobra a finados...

Já que não posso fugir da Morte
 (Já vae gelando meu coração!)
 Quero que seja bem largo e forte
 O meu caixão!

Rondam phantasmas com ar funereo...
 As trevas descem, a luz me foje...
 Sei que no fundo de um cemiterio
 Vou dormir hoje!

Hão de deixar-me no Campo Santo,
 Num abandono desolador,
 Sem epitaphio, sem cruz, sem pranto,
 Sem uma flôr!

Torvo coveiro me espera rindo,
 Cantarolando sombria trova.
 Já ouço os echos da enxada abrindo
 A minha cova...

Soltam corujas pios insanos...
 Ninguem na terra chora por mim...
 Ah! como é triste na flor dos annos
 Morrer assim!

OCEANO DA ALMA

Claras constelações de accesa pedraria,
Conchas de nacar, buzios e cardeos,
Grutas de malachite, enseadas de ambrosia,
Syrtes de onyx, parceis de sardeos;

Tudo encerra este mar, que espuma e se encapella
E vagalhões de prantos rola,
Mas que, sereno e azul, de perolas se estrella
Si um teu sorriso me consola...

Meu coração te espera ha quasi um anno ! E um anno
Para quem ama é a eternidade !
E á tona deste amor, que é um agitado oceano,
Se enfuna a vela da saudade !

No fundo deste mar habita uma Esperança,
Canta uma lyrica sereia
De voz de phéltrio, olhar ceruleo e fluida trança,
Que os sonhos prende em brumea teia...

Este mar, minha linda, encerra maravilhas,
Assombros, cousas fabulosas :
— Procellas de perfume, ondas de nectar, ilhas
D'oiro, archipelagos de rosas ;

A noite é fria, muito fria,
É fria e triste... A voz do vento
É cheia de melancolia.
Gris, lacrimeja o firmamento.

Que noite! É o Horto da Agonia!

De longe vem, fugaz e fino,
O olor de um cravo... O frio corta.
No alto da curva do destino
A lua beija a noite morta...

Na voz do vento dobra um sino...

E enquanto o vento plange fóra
E acorda o ninho um calefrio,
Dentro da noite sem aurora
Tu jazes frio, frio, frio...

Meu coração, sangrando, chora!

Em funda paz dorme a cidade,
Fechadas portas e janellas.
Da lua á tenue claridade
Rolam as folhas amarellas...

E eu penso em ti com que saudade!

Branqueja ao longe o cemiterio
— Feral jardim de cruzes pretas
Onde não se ouve um riso ethereo,
Onde não brincam borboletas...

Chora o luar... Que céo funereo!

Não te pranteou de um sino o dobre
No escarneo dessa tarde de ouro,
Nem jaspe ou marmore recobre
O teu esquife de anjo louro.

Só flores, só, tiveste, pobre!

Mas, na urna estreita que te encerra,
Não estás só! Toda a ternura,
Minh'alma, que entre sombras erra,
Vae-te embalar em noite escura,

Vae-te aquecer dentro da terra!

Sopro
Da sorte o'algido e tredo
Gelou-te as mãos, fechou-te os olhos.
Teu berço, azul como um segredo
De amor, partiu-se em mar de escolhos.

Antes de um anno! Era tão cedo!

E eras tão bello! E eras tão forte!
E já sabias rir, contente,
Abrindo os braços num transporte
Para cingir-me docemente!
E supportaste a dor da morte!

Que graça tinhas! Com que encanto
Gestos fazia a mão querida!
Eu te adorava tanto, tanto!
Eras o enlevo desta vida

Que naufragou num mar de pranto!

Em vez do tepido conforto
De um seio e do calor materno,
Tens hoje, no silencio do Horto,
As frias lagrimas do inverno!

Para todo o sempre és morto!

Mas, num altar onde alvorada
Não luz, por ti, que és mudo, exangue,
Sempre ha de arder, da dor brotada,
Sempre! uma lagrima de sangue,

Como uma lampada sagrada!...

F E L I C I D A D E ...

Os faustosos castellos que eu sonhára
Hoje possúo, rei feliz, possuindo
Teu coração, que é a perola mais rara
E todo o jaspe desse corpo lindo !

É meu o sol dessa pupilla clara,
E o mel dos beijos que me dás, sorrindo
E o oiro que rola da odorante seara,
Da undosa seára do cabello infindo...

Comtudo, ás vezes, punge-me o receio
De perder o hibernaculo do seio
Que para mim tem o calor dos ninhos !

Quiz ser por ti de rosas coroado,
Sem me lembrar, de amor embriagado,
Que as corôas de rosas têm espinhos...

A O V I R D A N O I T E ...

Ao vir da noite, que se ajoelha e chora,
Ao longe plange a angustia de um violino...
Minh'alma lembra o tempo azul de outr'ora
Emquanto a fronte pallida reclino.

Ao longe plange a angustia de um violino :
Põe um tremor de lagrimas na lua.
Emquanto a fronte pallida reclino,
A saudade em minh'alma se insinua.

Põe um tremor de lagrimas na lua
A trisfeza elegiaca das notas.
A saudade em minh'alma se insinua
Como um perfume de epochas remotas.

A tristeza elegiaca das notas
 Enche de pranto as palpebras dos lirios,
 Como um perfume de epochas remotas,
 Evoca sonhos mortos e delirios.

Enche de pranto as palpebras dos lirios
 Aquella queixa que compunge as flores.
 Evoca sonhos mortos e delirios !
 E os meus fataes e trágicos amores !

Aquella queixa, que compunge as flores,
 Faz sangrar as mais velhas cicatrizes !
 E os meus fataes e tragicos amores
 No meu peito mergulham as raizes !

Faz sangrar as mais velhas cicatrizes
 O aureo enxame de abelhas melodiosas.
 No meu peito mergulham as raizes
 Roseiras más, que nunca deram rosas !

O aureo enxame de abelhas melodiosas
 Acorda a paz da terra adormecida.
 Roseiras más, que nunca deram rosas,
 Enchem de espinhos toda a minha vida !

Acorda a paz da terra adormecida
 Aquella ardente musica de pranto.
 Enchem de espinhos toda a minha vida
 As lembranças daquella que amo tanto !

Aquella ardente musica de pranto
 Transporta as almas á mansão celeste.
 As lembranças daquella que amo tanto
 Palpitam como a sombra de um cypreste !

Transporta as almas á mansão celeste
 Aquelle choro cada vez mais triste...
 Palpitam como a sombra de um cypreste
 As lagrimas do amor maior que existe !

Aquelle choro cada vez mais triste
 É como o adeus de um naufrago entre escolhos.
 As lagrimas do amor maior que existe
 Vão subindo em torrentes aos meus olhos.

É como o adeus de um naufrago entre escolhos,
 Essa canção que supplica murmura,
 Vão subindo em torrentes aos meus olhos
 Os prantos de uma longa desventura.

Essa canção, que supplicas murmuira,
 Lembra um terceto funebre de Dante.
 Os prantos de uma longa desventura
 Descem a fio, queimam-me o semblante.

Lembra um terceto funebre de Dante
 Aquelle grito de uma dor sem calma.
 Descem a fio, queimam-me o semblante:
 As lagrimas irropem de min' alma.

Aquelle grito de uma dor sem calma
 Misericordia ou beijo extremo implora...
 As lagrimas irrompem de minh' alma,
 Ao vir da noite, que se ajoelha e chora...

L Y R A A Z U L

I

Vagueio pelas florestas,
Pelo valle, pelo prado,
Colhendo lyrios e giestas
Para offertar-te, anjo amado.

Vê quantas aceras dores
Me custam os teus carinhos:
Para cercar-te de flores,
Vivo cercado de espinhos !

II

Quando desfia o atro inverno
Glaciaes nebulosidades,
Procuro o teu seio terno
Para matar as saudades.

Mas, logo que deixo a calma
Estancia em que asas palpitam,
Uma por uma, em minh' alma
As saudades resuscitam ...

III

No livro do céo profundo
Eu lia, em letras radiantes,
A sorte dos que no mundo
Sonham dias fulgurantes.

Li a tua: num transporte,
As estrellas mais brilharam.
Quando fui ler minha sorte,
As estrellas se apagaram...

IV

Amo o silencio. O lamento
Da agua que foge, a canção
Das aves, a voz do vento,
— Tudo me causa afflição.

Busco o silencio do leito:
Mas, com acerbo pesar,
Descubro dentro do peito
Um velho sino a dobrar...

V

Desde que á terra baixaste
Num crepusculo opalino,
— Pobre flor vergada na haste
Pelo tufão do destino! —

No meu vergel, entre os frouxos
Adejos das borboletas,
Só floriram lyrios roxos,
Só se abriram rosas pretas ...

VI

Névoa... Névoa... O céo negreja...
Mas nem sempre a nóite é escura:
Si hoje Vesper não lâmpeja,
Mais linda amanhã fulgura.

E em minh'alma — noite aziaga
Que mais e mais escurece, —
Quando uma estrella se apaga,
Essa não mais resplandece!

VII

Em cada folha de rosa
Do teu jardim perfumado,
Com letra leve e graciosa,
Deixei meu nome gravado.

Gravei meu nome, rezando,
Para ver si alcanço a palma
De o ver um dia brilhando
No fundo azul de tua alma.

VIII

Como dois rios que infundem
Medo a correr num fracasso,
Na embocadura se fundem
Num só, num eterno abraço,

— Nossas almas se buscaram
E, num lyrico transporte,
Na foz do amor se juntaram
Para a vida e para a morte !

IX

Amiei-te. Que amor profundo !
Que celeste embriaguez !
Eras a unica no mundo,
Linda como a linda Ignez !

O meu peito era uma fragua,
Ardia o meu coração.
Mas bastou um pingo de agua
Para apagar o vulcão...

X

Propalas com riso terno
Que odeias as flores tanto
Como as arvores o inverno
Que lhes rouba o glauco manto.

Como crer nas tuas phrases
Si tu, flor das mentirosas,
Nas faces de neve trazes
Duas esplendidias rosas ?

XI

Uma garrula andorinha
Chilreia no meu telhado :
Celebra a ventura minha,
A gloria de ser amado.

E emquanto, alegre, chilreia,
Eu, mudo, porque estás longe,
Sinto a alma de brumas cheia,
Tenho a tristeza de um monge !

XII

Quando chove e a noite augusta
Com majestade apparece,
No céo, de um negror que assusta,
Nem um astro resplandece.

Mas os teus olhos — amados
Céos nocturnos — quando choras,
Ficam de chofre estrellados !
Causam inveja ás auroras !

XIII

Quando tu hontem, formosa,
No meu rosal, cauta e esquiva,
Corrias de rosa em rosa
Colhendo as de côr mais viva,

Quasi te prendi nos braços,
De amor num extremo arroubo,
Para cobrar em abraços
Todas as rosas do roubo ...

XIV

Ao descer a noite algente,
Do meu collar de rainha
Cahiu uma estrella ardente ...
Com certeza foi a minha !

XV

Sem os meus ternos carinhos,
Dizes que soffres. Eu creio.
Quem guarda flores no seio
Ha de sentir os espinhos ..

XVI

Salgueiro, que te debruças
Para chorar sobre as aguas,
Em vão sobre ellas soluças !
Não se vão as tuas maguas !

XVII

Por uma hora de venturas
Tantos dias de pesar ...
Ha tantas noites escuras
E tão poucas de luar !

C A T A S O L

V A I D A D E

Porque eu, num madrigal, te comparei ás rosas,
Ficaste crendo que és das flores a rainha:
E já queres subir a alturas prodigiosas,
Ter surtos de condor com asas de andorinha !

E' tão bom ser violeta, e, á sombra de uma leira
Em flor, guardar intacto o aroma azul ! Pois olha :
A rosa de mais graça e purpura é a primeira
Que a corôa real de petalas desfolha...

S A C R I F I C I O I N U T I L

Deante do confessor te ajoelhas, e, tremente,
Uns peccados pueris contas com voz que chora,
Para ficar com a alma azul, resplandecente,
Como o céo ao tomar a communhão da aurora.

Murmuras em seguida as mais ardentes preces,
Batendo com unção no immaculado peito:
Mas Deus não te ouvirá, por mais que te confesses,
Em quanto eu não perdoar o mal que me tens feito !

A D O R M A I O R

Quando eu te disse o adeus de extrema despedida,
Sob o caramanchel, num placido recanto,
Tua alma soluçou de subito ferida
E teus olhos azues encheram-se de pranto !

Mudo, sem o fulgor de uma divina opala
Nos cílios, abracei-te entre um pungir de abrolhos:
Mas a dor que mais dóe é aquella que se cala!
O pranto que mais arde é o que não sobe aos olhos!

A U M A M E N I N A

Nos teus olhares de doçura cheios
Palpita a luz de um mystico delubro,
Mas sob a gaze que te esconde os seios
Flammeja um sol esplendido de Outubro.

Teus seios... Diz o colibri mais lindo
Que sente, ao vel-os, a emoção sincera
Que agita as aves quando vão florindo
Os primeiros botões da primavera ...

M O R T A

Ia dormindo num esquife estreito...
Passára pela vida tão de leve
Como a violeta que levava ao peito,
Como impolluto flocculo de neve.

Aproximei-me de amargura preso,
E, encontrando-a tão diaphana e tão bella,
Peguei nas alças para ver seu peso:
— Meu coração pesava mais do que ella!

A O PÉ D E U M T U M U L O

Descansa em paz, formosa criatura !
Deus te proteja, candida andorinha !
Quando eu morrer, a tua sepultura
Será tambem a minha !

Hei de dormir um sonno perfumado,
Aninhando a cabeça no teu peito,
Para que os vermes, vendo-te a meu lado,
Se afastem com respeito !

O AROMA DOS TEUS BEIJOS

Quando, louca de amor, inteiramente louca,
Presa nos braços meus, me beijas fervorosa,
Teu beijo virginal deixa na minha bocca
O aroma de uma rosa.

Beija, quando eu morrer, meu corpo inerte e frio,
Mil vezes, para que meu feretro sem flores,
Em viagem para o horror do paramo sombrio
Jorre amphoras de olores !

E tanto ha de cheirar meu corpo miserando,
 Onde hão de os beijos teus florir como violetas,
 Que, attrahido, virá seguir o enterro o bando
 Azul das borboletas . . .

No alpendre, onde palpita a colgadura
 Das niveas trepadeiras trescalando,
 Dentro de um sonho cheio de doçura,
 Ella passa os crepusculos bordando.

A sua mão, de gemmas rorejada,
 No azul da tela, rapida, passeia,
 Como uma borboleta albirosada
 Por sobre o tulle de arachnidea teia.

Ha dias, ella, carinhosa e grata,
 Offertou-me, corando como as rosas,
 Um regio mimo : — um céo de seda e prata
 Estrellado de perolas custosas.

Gentileza de lyrio! Como eu amo
Aquella Flor, que, evaporando olores,
Me offereceu no meio do recamo
O coração bordado a sete côres!

Dentro da noite, haurindo o aroma agreste
Dos floreos tufos, dos capões de rosas,
Contemplamos a abobada celeste
Pontilhada de luzes buliçosas.

E a minha amada, descobrindo o collo,
— Região boreal de gelida brancura, —
A mirar a amplidão de polo a polo:
«Quantas estrellas tem o céo!», murmura.

Causa-lhe assombro o numero de opalas
Que Deus semeia pelo azul! E fica,
Longo tempo, no intuito de contal-as,
Olhando o espaço que o oiro astral salpica.

Contar estrellas, que loucura! Abete-a
A viva luz! E em rapidos instantes,
Sua alma, voando para a Via-Lactea,
Se perde numa poeira de diamantes...

E não se lembra a sylphide que adoro
Que não são as estrellas nem metade
Das crystallinas lagrimas que choro
No silencio das horas de saudade !

Tarde. Fugia ao longe uma galera...
O glauco mar, aos nossos pés, na praia,
Desfolhava a fluctuante primavera
De flocculos de espuma de cambraia.

Entre sorrisos de um celeste encanto,
Numa voz que era um choro de sereia,
Tu me juravas terno amor emquanto
Eu escrevia canticos na areia.

Glorificava essa beleza slava
Em rimas que floriam como rosas,
E que o mar, como perolas, guardava
No seio azul das conchas marulhosas...

Logo, porém, tudo esqueceste... E agora,
Quando á beira do Atlântico divagas,
Has de, escutando a voz do mar, que chora,
Teu nome ouvir na musica das vagas.

São os meus versos que atravez das ondas
Pelas conchas ecoam de angra em angra,
Como suspiros desse mar que sondas,
Como o clamor de um coração que sangra !

Attende ! São meus canticos dispersos
Que em écos plangem pela tarde calma !
O mar guardou nas conchas os meus versos
Como eu guardo teu nome dentro da alma !

I N D I C E

A U R E O L A S

	Pags.
Canto Real da Glória	11
Á sombra dos montes	15
Angelus	16
Borboleta presa	19
A hora azul	22
Ballada das rosas	23
Rondó	25
Ballada lírica	27
O salgueiro	29
A feia	30
Ballada da Agonia	34
Visita nocturna	37
Céo deserto	40
Ballada das folhas mortas	41
Agua que foge	43
A violeta	44
A horas mortas	45
Ballada côr de rosa	47
A tortura da espera	49
Á hora da morte	50
Oceano da alma	54
Canção da noite sem aurora	56
Felicidade	60
Ao vir da noite	61

L Y R A A Z U L

	Pags.
I — Vagueio pelas florestas	67
II — Quando desfia o atro inverno	67
III — No livro do céo profundo	68
IV — Amo o silencio. O lamento	68
V — Desde que á terra baixaste	69
VI — Névoa... Névoa... O céo negreja	69
VII — Em cada folha de rosa	70
VIII — Como dois rios que infundem	70
IX — Amei-te. Que amor profundo!	71
X — Propalas com riso terno	71
XI — Uma garrula andorinha	72
XII — Quando chove e a noite augusta	72
XIII — Quando tu hontem, formosa,	73
XIV — Ao descer a noite algente,	73
XV — Sem os meus ternos carinhos	73
XVI — Salgueiro, que te debruças	74
XVII — Por uma hora de venturas	74

C A T A S O L

Vaidade.	77
Sacrificio inutil	78
A dor maior	79
A uma menina	80
Morta	81

	Pags.
Ao pé de um tumulo	82
O aroma dos teus beijos	83
O bordado	85
As estrellas	87
Na praia	89